

Jogadas insólitas: amadorismo, profissionalismo e os jogadores de futebol do Rio de Janeiro (1922-1924)

Prof. Ms. Hugo da Silva Moraes¹

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – FFP

Resumo

O propósito deste artigo é o de analisar o impacto esportivo e social causado pela entrada indiscriminada de jogadores de origens modestas no futebol do Rio de Janeiro da década de 1920. Em décadas anteriores, os jogadores eram modelos de um futebol estritamente amador. Vindos em sua maioria de famílias aristocráticas da zona sul, estes atletas eram símbolos de um esporte que primava pelo desenvolvimento moral e físico de uma nova elite urbano-industrial que se consolidava desde finais do século XIX. Contudo, o cenário esportivo carioca alterou-se significativamente. Com o aumento do retorno financeiro, os dirigentes dos clubes mais tradicionais começaram a apostar no talento de jogadores de origem mais modesta que se destacavam nos pequenos clubes. Chamados de “andorinhas” e “gaviotas”, estes atletas aproveitavam estas oportunidades para “voarem” de clube em clube. Os rendimentos financeiros e o reconhecimento social fizeram com que estes indivíduos rompessem gradativamente as fronteiras do amadorismo, contribuindo para o processo de profissionalização do futebol.

Palavras-Chaves: Identidade, Jogadores de Futebol, Profissionalismo.

Abstract

The purpose of this paper is to analyze the sports and social impact caused by the indiscriminate entry of players from modest beginnings in football in Rio de Janeiro in the 1920s. In previous decades, the players were models of a strictly amateur football. Coming mostly from aristocratic families of the south, these athletes were symbols of a sport he excelled at physical and moral development of a new urban-industrial elite that was consolidated from the late nineteenth century. However, the sports scene in Rio has changed significantly. With the increase in financial return, the leaders of more traditional clubs began to bet on the talent of players from more modest backgrounds who stood out in small clubs. Called "swallows" and "gulls", these athletes took advantage of these opportunities to "fly" club-hopping. The financial and social recognition meant that gradually these guys would break the boundaries of amateurism, contributing to the professionalization of football.

Keywords: Identity, Football Players, Professionalism.

¹ Professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Faculdade de Formação de Professores. Mestre em História Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – FFP. Membro do Núcleo de Esporte e Sociedade (NEPESS – UFF). E-mail: hs_moraes@hotmail.com.

Definindo o amadorismo

Fundamentado em um “*ethos das ‘elites’*” (Bourdieu, 1983, 140), as práticas esportivas se amparavam naquilo que ficou definido como “*a teoria do amadorismo*” (1983, p.140), fazendo “do esporte uma prática [...] desinteressada quanto à atividade artística, [...] para a afirmação das virtudes viris dos futuros líderes” (1983, 140). Portanto, o amadorismo define uma prática esportiva concebida:

como uma escola de coragem e de virilidade, capaz de "formar o caráter" e inculcar a vontade de vencer ("will to win"), que é a marca dos verdadeiros chefes, mas uma vontade de vencer que se conforma às regras - é o fair play, disposição cavalheiresca inteiramente oposta à busca vulgar da vitória a qualquer preço (BOURDIEU, 1983, p.140).

Não foi por acaso que esses grupos sociais se habituaram ao futebol, às regras, aos termos usados durante o jogo – *free kick, offside, goal* etc. – e aos materiais esportivos importados da Europa. Nas duas primeiras décadas do século XX o futebol se transformou em um modismo do “high-life”,²perpetuado nos altos círculos da sociedade carioca. Gradativamente, lançados nos principais jornais da época, alguns livros e manuais justificavam a prática de exercícios físicos como extremamente importantes para o desenvolvimento de “uma nação sadia e forte, valorizando os princípios de um axioma repetido à exaustão no período: “*mens sana in corpore sano*” (Pereira, 2000, 305). Mais que uma importante ferramenta para o cultivo do físico, a prática de esportes se constituía como uma arma capaz de disciplinar o indivíduo, inculcando-lhe valores éticos e morais, higiênicos e eugênicos, tornando-o parte integrante dos grupos mais distintos da sociedade.

De certa forma estes códigos morais eram reforçados à medida que o futebol se tornava um esporte popular e extremamente competitivo. Fruto de uma configuração social que permitiu uma relação mais estreita entre os valores ditados pelos grupos mais influentes

² Este termo é citado por PEREIRA (2000, 73-87) *passim*.

e de aspectos de uma cultura popular, o futebol foi se tornando ao longo dos anos um espaço híbrido onde as percepções de mundo se chocavam, ora interagindo ora criando tensões. Entre alguns aspectos que denunciavam um futebol cada vez mais profissional, apontaremos neste artigo a situação dos jogadores nos clubes de futebol durante as temporadas de 1922 e 1924.

A restrição à entrada de jogadores de origens modestas e o combate dos chamados “andorinhas” ou “gaivotas” que “voavam” de clube em clube recebendo gratificações pelos seus serviços esportivos foram uma das prioridades da LMDT em 1922 e em 1923. Desde a sua fundação em 1917 LMDT tinha “em seu código meios de punir o profissionalismo”³ e pretendia preservar assim “o interesse, que [há] no Sport como em todos os misteres da vida: a base do progresso e do desenvolvimento”. Entre as regras mais significativas a LMDT previa que o jogador inscrito deveria “a) ser amador; b) ser sócio do clube proponente; [...] d) exercer profissão honesta; e) estar no gozo dos seus direitos civis e políticos; f) saber ler e escrever; g) ter moralidade comprovada” (Napoleão, 2006. 91).

A partir dessas regras podemos elencar algumas questões importantes que marcam as distinções esportivas não somente na esfera esportiva, como também na social. O primeiro aspecto é que nesse caso, o amadorismo deve ser lido primeiramente como *o ato de não receber salários para exercer qualquer atividade esportiva*. Dentro deste contexto, cabia à LMDT manter o afastamento daqueles grupos mais pobres do jogo os proibindo do acesso em seus campeonatos e torneios, pois neles não haveria qualquer possibilidade de compreender a verdadeira e nobre finalidade do jogo. Contudo, de maneira contraditória, os mesmos clubes que apoiavam a Liga na defesa do “ethos amador” fechavam os olhos diante do avanço indiscriminado de jogadores de origens modestas nos principais times da cidade.

³ Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 18 mar. Correio Sportivo.

Com o aumento do interesse econômico em torno do futebol, estes jogadores, antes alijados dos campos da cidade transformaram-se numa alternativa viável para o sucesso esportivo e financeiro das entidades filiadas à LMDT.

Driblando as Distinções: A Situação dos Jogadores de Futebol do Rio de Janeiro

Curiosamente, as primeiras reportagens do ano de 1922 negavam a existência de práticas não-amadoras no Rio de Janeiro, apontando que a cidade de São Paulo “sempre foi e continua a ser um verdadeiro foco de profissionalismo”.⁴ Segundo o jornal *O Imparcial* as denúncias eram feitas pela:

[...] própria imprensa da Paulicéia maximé nestes últimos mēzes, vem repleta de noticiário a tal respeito. Eis o que encontramos n'a Gazeta, edição de ante-hontem:

Hontem, à porta do café São Paulo, um profissional que devera aparecer numa das nossas mais fortes turmas, conversava com seu 'antigo companheiro de lutas'. Ouvimos:

- O ordenado que me fizeram é de 500\$000 por mēz.
- Maior do que o de seu antigo club? - É. lá porem as despesas eram menores e, depois, eu tinha apenas 400\$000, mas eram livres.
- Logo, porem, que comece o campeonato exigirei 800\$000.
- Se não derem?
- Regressarei lá para a "bôa terra"...
- Ouvi dizer que elles vão arranjar um emprego pra você...
- Que emprego, que nada, no dia em que eu precisar trabalhar não jogarei mais football.⁵

Se por um lado a imprensa carioca denunciava com veemência as práticas relativas ao profissionalismo entre os jogadores e equipes de São Paulo, por outro afirmava categoricamente que “não [existia] profissionalismo no football do Rio de Janeiro”.⁶

Contudo, apesar de todos os discursos contrários à existência do amadorismo no Rio de Janeiro, a “comunidade falada” (Bauman, 2003, 17) pelos jornalistas cariocas e que se definia como defensora do amadorismo não correspondia à “comunidade realmente

⁴ O Imparcial, Rio de Janeiro: 25 fev. 1923. Vida Desportiva.

⁵ O Imparcial, Rio de Janeiro: 25 fev. 1923. Vida Desportiva.

⁶ Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 18 mar. Correio Sportivo.

existente”.⁷ Não foi por acaso que muitos jogadores como Manteiga, Nelson, Negrito e Ceci conseguiram penetrar em um universo tão restrito como o futebol.

A partir dessas regras podemos elencar algumas questões importantes que marcam as distinções esportivas não somente na esfera esportiva, como também na esfera social. Como destacamos anteriormente, o primeiro aspecto é que nesse caso, o amadorismo deve ser lido como *o ato de não receber salários para exercer qualquer atividade esportiva*. Além de tal premissa veremos a partir de agora que três outros aspectos sociais – o acesso à educação, a inserção e o posicionamento dos indivíduos no mercado de trabalho e as questões sociais – reafirmariam esse amadorismo.

No que diz respeito à educação, desde o século XIX ela era o indicativo de uma posição social elevada dos indivíduos. Como destaca Gilmar Mascarenhas de Jesus, era uma forma de “deixar evidente sua profunda diferença em relação àqueles que, desprovidos de qualquer nobreza, necessitavam trabalhar com base no esforço muscular” (1999, 26). No final do século XIX, “antes de 1880 ou 1890, um jovem de boa família não dava nenhuma atenção aos esportes e exercícios físicos, tendendo muito mais para a poesia e a política [...]” (1999, 27).

Além da classe alta, que em grande parte foi herdeira dos “clãs patriarcais das províncias” (JESUS, 1999, 27), a classe média, que cresceu consideravelmente no século XX, ainda encontrava na questão educacional⁸ um ponto de distinção. Segundo Conniff, “as principais profissões eram a advocacia, a medicina e a engenharia, suficientemente prestigiosas para serem carreiras da elite” (2006, 64). A prática da advocacia, por exemplo, era uma forma de os indivíduos pertencentes à classe média participarem do meio social

⁷ BAUMAN, 2003. p.17.

⁸ Apesar da melhoria do nível de escolaridade entre as pessoas na cidade do Rio de Janeiro, o estudo de Michael Conniff (2006, p.63) revela que indivíduos com carreiras universitárias ainda gozavam de certo prestígio social.

das classes mais altas podendo assim ingressar definitivamente nesse grupo “por meio do casamento ou de uma sociedade na empresa” (2006, 65).

O desenvolvimento do futebol e sua popularização aumentaram a polêmica quanto à valorização do intelecto em relação às práticas corporais. Alguns críticos afirmariam que o futebol “estaria na base de uma educação completa e saudável, pois [...] geraria no indivíduo um “robusto equilíbrio orgânico e mental” (Pereira, 2000. 43) responsável por elevar o valor da nação brasileira. Por outro lado, “o regime dos músculos” não deveria ser percebido como sinônimo de “força e virilidade, mas com a desconfiança de quem via nele um fator de degeneração” (2000. 47).

Mas, com todas as restrições, as tendências tinham como ponto central: a rejeição aos grupos mais pobres da cidade. Desenvolver a nação significava diminuir “uma suposta inferioridade” (2000. 43) do Brasil em relação às nações mais desenvolvidas e o apego exagerado aos músculos era uma forma de favorecer aquilo que Carlos Sussenkind destaca como “o entretenimento da ociosidade” (Santos, 2000, 97), aspectos muito relacionados pelos setores mais abastados às classes mais humildes da cidade.

Portanto, entre os grupos abastados, o futebol deveria ser visto como uma atividade de lazer, “*uma prática desinteressada*” (Bourdieu, 1983. 140), um entretenimento daqueles que encontravam em tal prática uma forma de passatempo sem prioridade, sem obsessão ou interesse em lucro. Cabia à LMDT manter o afastamento daqueles grupos mais pobres do jogo os proibindo do acesso em seus campeonatos e torneios, pois neles não haveria qualquer possibilidade de compreender a verdadeira e nobre finalidade do jogo.

Na prática, essas questões se apresentavam de outra forma. O interesse pelo sucesso de suas equipes e a lucratividade dos jogos realizados por elas fez com que os clubes fossem à procura de jogadores talentosos independente de suas posições sociais, o que

aumentou consideravelmente o número de atletas acusados de analfabetismo. Mário Filho cita o caso de Pascoal Cinelli, um dos frequentadores dos campos do bairro da Saúde, um dos mais pobres da cidade.⁹ Jogador do Rio de Janeiro, Pascoal foi convidado por um diretor do Vasco da Gama, ingressando na equipe em 1922.¹⁰ Segundo o cronista, após receber inúmeras aulas para aprender a assinar seu nome, Pascoal foi obrigado a abandonar seu sobrenome – Cinelli – por ter letras dobradas. “O jeito foi dar a Pascoal um sobrenome mais modesto, mais comum [...]. Horácio Werner [diretor do Rio de Janeiro] não encontrou nada melhor do que Silva. Pascoal Silva” (Rodrigues Filho, 2003, 100).

Uma medida encontrada pela Liga para evitar tais subterfúgios foi a criação de uma prova feita pelo jogador na sede da LMDT caso houvesse necessidade. O jogador Albanito Nascimento (o Leitão) do Vasco da Gama, após dar mostras de que era analfabeto, teve que redigir “um requerimento do seu próprio punho [...], solicitando uma nova prova em dia e hora designados pela directoria daquela casa, a fim de provar que não infringiu o art. 67”.¹¹ Porém, de certa forma os impedimentos que restringiam a entrada desses jogadores nos times da LMDT esbarravam nos próprios subterfúgios dos estatutos da Liga.

De “acordo com as novas leis”,¹² os jogadores e o clube poderiam requerer “ao juiz competente 'habeas-corpus', para poderem disputar o campeonato e torneio da entidade carioca”, possibilitando ao jogador tempo suficiente para aprender o “be-á-bá” e

⁹ Falando sobre a Revolta da Vacina, Pamplona destaca o bairro da Saúde, sua composição social e a visão das elites sobre o mesmo. “A situação do Distrito da Saúde de fato alarmava as autoridades. Esta vizinhança continha uma boa parte (talvez maior) da população pobre da cidade, composta de marinheiros, estivadores, empregados domésticos [...] As elites normalmente desprezavam e temiam esta vizinhança, cujos habitantes eram tidos ‘em todas as arruaças, [como] os mais perigosos”. PAMPLONA. 2003. p.192.

¹⁰ De acordo com o memorialista José da Silva Rocha, “Outro elemento oriundo dos campos abertos do Cais do Porto, o Pascoal Silva, reforçou a vanguarda”. ROCHA, 1975. 313p. Já Mário Filho destaca: “O sobrenome de Pascoal, o sobrenome de um italiano peixeiro da Saúde”. Além de jogar no Rio de Janeiro, Pascoal jogou no C.R.Vasco da Gama, no escrete carioca e no escrete brasileiro. RODRIGUES FILHO, 20003. p.100.

¹¹ O Imparcial, Rio de Janeiro: 25 ago. 1922. Vida Desportiva.

¹² O Imparcial, Rio de Janeiro: 23 mar. 1923. Vida Desportiva.

submeterem-se a um segundo exame. Telê, meia-direita do Andaraí e Ceci,¹³ meia-esquerda do Vasco da Gama¹⁴ tiveram os seus registros cassados, sendo obrigados a refazerem a prova exigida pela Liga Metropolitana. Quatro dias após essa nota, Ceci “esteve na Liga Metropolitana onde [...] provou que sabe o be-á-bá”¹⁵ enquanto onze dias depois Telê fez “satisfatoriamente a prova de suficiência de que sabe ler e escrever”.¹⁶

Esses casos revelam que, apesar das restrições impostas pela Liga, havia certo acesso dos estratos mais populares aos campos da cidade do Rio de Janeiro. Em alguns casos, a LMDT exagerava em suas cassações, como foi o caso do “back” Alemão, do Botafogo F.C. A notícia de que o Alemão era analfabeto soou negativamente na imprensa carioca, tanto que um cronista d’*O Imparcial* declarou abertamente em duas notas o seu apoio ao jogador do clube de General Severiano. Na primeira, iniciou a matéria com um questionamento, “*O BACK ALLEMÃO NÃO SABE O PORTUGUÊZ...?*” incluindo no final da reportagem a frase “Será verdade?”. No dia seguinte, após dar direito de resposta ao Alemão que “declarou ter sido vítima de uma injustiça”,¹⁷ o cronista respondeu ao comentário de Alemão afirmando: “Que seja assim, é o que desejamos”.

De certa forma essa “falta de educação”, tanto em um sentido acadêmico como o de um aprendizado dos valores culturais e sociais, era potencializada devido a um segundo fator mais preponderante: o universo do trabalho. Essa questão se tornou mais importante durante o fim da escravidão e a Proclamação da República, momentos que marcaram profundamente a sociedade carioca, principalmente no que diz respeito à constituição de

¹³ Silvio Moreira foi meia-esquerda do Vila Isabel na temporada de 1922 e foi expulso pelo clube após o seu envolvimento no conflito entre as torcidas do C.R.Vasco da Gama e Vila Isabel no Boulevard 28 de Setembro em campeonato da série A2 do campeonato carioca. *O Imparcial*, 8 jun. 1922. *Vida Desportiva*.

¹⁴ Além de Silvio Moreira (Ceci), outros jogadores do C.R.Vasco da Gama - Nicomedes da Conceição, o Torterolli, e João Batista Soares, (o Nicolino) - também tiveram seus registros cassados, sendo obrigados a realizarem novos testes. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro: abr. – ago. 1922. *Correio Sportivo*.

¹⁵ *O Imparcial*, Rio de Janeiro: 21 mar. 1923. *Vida Desportiva*.

¹⁶ *O Imparcial*, Rio de Janeiro: 30 mar. 1923. *Vida Desportiva*.

¹⁷ *O Imparcial*, Rio de Janeiro: 18 mar. 1923. *Vida Desportiva*.

um “*status quo*” que pudesse garantir aos novos grupos dirigentes a preservação de uma posição de destaque que os diferenciasses dos grupos mais pobres da cidade. Para Sidney Chalhoub o ingresso das camadas pobres, e principalmente dos escravos na nova configuração política e social apresentada no início do século XX passava irremediavelmente pela educação desses indivíduos, já que “a transformação do liberto em trabalhador não podia se dar apenas através da repressão, da violência explícita” (2008, 69).

De acordo com o autor, naquele momento “educar o liberto significa transmitir-lhe a noção de que o trabalho é o valor supremo da vida em sociedade; o trabalho é o elemento característico da vida ‘civilizada’” (Chalhoub, 2008, 69). Representado como uma lei suprema, o trabalho era uma forma de o indivíduo retribuir à sociedade “a segurança, os direitos individuais, a liberdade, a honra [...]” (2008, 80) e outros direitos garantidos além de servir para a melhoria dos “atributos morais” fundamentais para uma boa convivência em sociedade. O trabalho, de acordo com as “construções ou interpretações das classes dominantes sobre a experiência ou condições de vida experimentadas pelos populares” (2008, 80), combateria a ociosidade, a vadiagem e a promiscuidade sexual, sendo que a primeira seria caracterizada pela não atuação do indivíduo na categoria do trabalho.

Outro aspecto importante e que deve ser ressaltado é a relação entre a esfera do trabalho e o preconceito racial. Chalhoub aponta que esse preconceito representa “um traço continuísta fundamental em relação aos tempos coloniais e imperialistas: a continuação da subordinação social dos brasileiros de cor” (2008, 88). Para o pesquisador, o negro saiu da submissão da escravidão e permaneceu em uma mesma condição subalterna como trabalhador livre. No que se refere ao campo esportivo, a questão racial tornou-se objeto de uma profunda discussão. Curiosamente um dos pontos de maior divergência entre os pesquisadores é a respeito da equipe do Vasco da Gama e o seu papel no processo de crise

do futebol carioca em 1924. Para Antônio Jorge Soares, alguns historiadores têm tomado como único pressuposto as propostas raciais descritas por Mário Filho, um importante cronista da década de 1930 que, em sua obra “‘O Negro no Futebol Brasileiro’ (NFB), “utilizou sua criatividade de prosador para escrever crônicas romanceadas sobre o futebol brasileiro” (2001, 16).

Para Soares, o NFB seria um romance marcado por “freynismo popular” em alusão ao Gilberto Freyre e sua obra “Casa Grande Senzala” (2001, p.16) na qual predomina uma narrativa que defende a ideia de que “o futebol, quando branco, era um produto importado; quando preto e mestiço, torna-se brasileiro [...]” (2001, 16). Antes pensado como “inimigo interno”, o racismo acaba sendo derrotado na medida em que o negro mostra o seu talento nos campos de futebol, ocorrendo assim a “integração do negro” (2001, 16) na sociedade e a “afirmação do futebol brasileiro” (2001, 16). Tal proposta é seguida por alguns historiadores, reforçando a tese de Mário Filho da reinvenção do futebol brasileiro pelo negro, que conseguiu a sua afirmação social a reboque. Desconsiderando o NFB como a única fonte de análise desse contexto, Soares, a partir do estudo de jornais de grande circulação, propõe que a leitura racial feita por muitos historiadores deve ser integrada a outra chave de discussão que prioriza a questão do profissionalismo *versus* amadorismo. Segundo Soares,

a) se existisse segregação, diretamente relacionada à questão racial, o Vasco não teria participado com essa equipe no campeonato de 1923, b) o Vasco não foi o primeiro clube de futebol a ter negros e mulatos em suas equipes de futebol; c) na década de 20, negros e mulatos, ainda que poucos, já habitavam outros espaços sociais mais valorizados do que o esporte (2001, 106).

A conclusão de Soares acerca do momento histórico vivido na década de 1920 é a de que a questão racial enfatizada no NFB não determinou a crise do futebol carioca. Mesmo minimizando o impacto da questão racial no processo de profissionalização do futebol,

Soares não desconsidera totalmente a contribuição do NFB como um documento histórico relevante e o racismo como um dos fatores que contribuíram para a preservação de um campo esportivo dominado pelos grupos considerados mais distintos da sociedade carioca. Essas posições também foram defendidas por Ronaldo Helal e César Gordon Jr. Ambos concordam com a premissa de que o NFB estaria situado em um momento histórico “atravessado por feixes de interesses, discursos e processos simultâneos” (2001, 106) nos quais os negros e mulatos possuem a possibilidade de “ingressarem no sistema econômico brasileiro, matéria-prima de um discurso de integração nacional; e objeto de massificação e popularização” (2001, 66).

Igualmente ao que foi questionado por Soares, Helal e Gordon Jr. também discordam do essencialismo do racismo presente no discurso de democracia racial ao final da obra de Mário Filho, dando a entender que o negro ocuparia seu espaço a partir de suas aptidões naturais “como a música (blocos afros, batucada, terreiros e capoeira) e esporte (futebol, por exemplo)” (2001, 67). Ou seja, o debate aponta para dois pontos comuns, o primeiro se deve ao embate central do período – o profissionalismo *versus* amadorismo – mas sem deixar de levar em consideração todas as tensões existentes dentro desse contexto de crise do futebol – as questões relativas à educação, ao campo do trabalho, as questões raciais dentre outras – e a segunda ligada à compreensão de que Mário Filho e a sua obra seriam frutos dos anos 30, um período em que se constitui certa reflexão acerca da identidade nacional e o debate sobre a integração racial era uma das chaves de discussão de muitos intelectuais da época.

Outras obras apontam com veemência a existência do racismo no futebol carioca nas primeiras décadas do século XX. Em vários momentos de sua pesquisa, Leonardo Pereira cita uma série de fontes documentais, principalmente jornais, em que a questão racial é

perceptível. Um exemplo interessante dado por Pereira foi a organização do selecionado nacional que disputaria o Sul-Americano de 1921 no qual “havia restrições evidentes à presença de certa classe de jogadores” (2000, 176). O assunto tomou conta das “rodas sportivas” estabelecendo um debate sobre a entrada ou não de atletas negros na seleção. Em reportagem de O Paiz intitulada “O Sul americano: negros e mulatos” (2000, 176) o *sportman* Cesarino César “destacado membro da Liga Suburbana” (2000, 176) faria a seguinte denúncia:

[...] É público e notório que os nossos sportsmen comentam, talvez sem razão de ser, que os dirigentes do Sport nacional não querem, de maneira alguma, incluir no quadro que deve partir para Buenos Aires, representando o Brasil nas lutas do campeonato sul-americano, [...] jogadores de cor!” (2000, 176).

Diferentemente das documentações analisadas por Pereira, nas quais os entraves raciais eram mais evidentes, o *Correio da Manhã* e *O Imparcial* dos anos de 1922 e 1923 não apresentaram tais discursos racistas, o que não significa que o debate não estivesse em voga na época. Evidente, ou não, o racismo era algo intrínseco à sociedade carioca e ao campo esportivo na década de 1920. Uma forma de mapearmos esta questão estaria no fato de compreendermos como a ideia de raça é percebida socialmente naquela época. Da mesma forma que Chalhoub, Antônio Sérgio Guimarães também destaca que o aspecto racial está intimamente associado ao “intercruzamento discursivo e ideológico da ideia de "raça" com outros conceitos da hierarquia como classe, status e gênero” (2005, 51) e a própria esfera do trabalho. Isso fez com que o racismo brasileiro ficasse “sem cara” (2005, 60) sendo que “‘raça’, isto é, a ‘cor’, o status e a classe estão intimamente ligados entre si” (2005, 48).

Portanto, quando as fontes enfatizam a questão do trabalho, não podemos deixar de considerar em alguns casos o preconceito de cor, já que o primeiro representava uma forma

do ex-escravo se inserir no cenário pós-Império.¹⁸ Mais que inserir o ex-escravo em uma lógica capitalista, o trabalho era uma forma de acesso à cidadania para todos os grupos sociais que compunham a sociedade carioca da década de 1920. Transportando essa lógica para o campo esportivo, podemos afirmar, de acordo com Roberto DaMatta, que diferente do trabalho “que tem uma relação direta com o ‘dever’, com a ‘obrigação’, com o ‘castigo’, com o ‘pecado’ e com ‘a dureza da vida’”(1994, 13), o futebol pode ser entendido naquela época como uma “atividade paradoxal porque não é produtiva no sentido radical de provocar uma transformação da natureza da sociedade” (1994, 13), estando mais voltada ao lazer e ao divertimento das classes abastadas. Logo, quando os grupos mais populares substituíam o trabalho¹⁹ pela prática rotineira do futebol lhes eram impostas características atribuídas pelas classes dominantes como a vadiagem, a malandragem, a preguiça e a ociosidade.

As normas da Liga Metropolitana estiveram durante longo período de acordo com essa ótica. Em 1907, a questão racial ainda aparecia nos estatutos da LMSA. A proibição do registro de “pessoas de cor” provocou um desentendimento entre diretores do Botafogo F.C. e a saída do Bangu A.C., equipe formada pelos operários da Cia Progresso. As restrições relativas aos critérios raciais foram sendo deixadas de lado. As regras estabelecidas nos estatutos passaram a girar em torno da preservação do amadorismo e do afastamento dos indivíduos que não exercessem “profissões honestas” (NAPOLEÃO, 2006.

¹⁸ “No Brasil, esse sistema de hierarquização social – que consiste em gradações de prestígio formadas por classes social – que consiste em gradações de prestígio formadas por classe social (ocupação e renda), origem familiar, cor e educação formal – funda-se sobre as dicotomias que, por três séculos, sustentaram a ordem escravocrata: elite/povo e brancos/negros são dicotomias que se reforçam mútua, simbolicamente e materialmente”. *Ibidem*. p.49.

¹⁹ “Emília Viotti da Costa reconhece esta origem do preconceito de cor no Brasil, quando escreve: ‘O preconceito racial servia para manter e legitimar a distância do mundo dos privilégios e direitos do mundo das privações e deveres’. A doutrina liberal do século XIX, segundo a qual os pobres eram pobres porque eram inferiores, encontrava no Brasil, sua aparência de legitimidade no aniquilamento cultural dos costumes africanos e na condição de pobreza e de exclusão política, social e cultural da grande massa dos pretos e mestiços. A condição de pobreza dos pretos e mestiços, assim como, anteriormente, a condição servil dos escravos, era tomada como marca de inferioridade.” COSTA, Emilia Viotti da. *The Brazilian Empire: Myths and Histories*. Belmont: Wadsworth, 1998. *Apud*. GUIMARÃES, 2005. p.49.

91), que tivessem “moralidade comprovada” (2006. 91) e que não fossem atletas “profissionais; [...] mendigos; [...] analfabetos” (2006. 91). A reforma do estatuto proposta em 1923 pelos “grandes clubes” tornou essa restrição mais clara, destacando a proibição de amadores,

[...] que tinham os seus meios de subsistência de qualquer profissão braçal, considerando-se como tal a em que predomine o esforço physico; [...] os que não tenham profissão ou empregos certos; [...] os que exerçam profissão ou empregos subalternos, taes como continuo, servente, engraxate e motorista; [...] os que exerçam profissão ou emprego, que exija, permita ou facilite o recebimento de gorjetas; [...].²⁰

Se, na teoria, as regras impossibilitavam o acesso de indivíduos que não possuíam a sua cidadania reconhecida pela impossibilidade de acesso ao mercado de trabalho ou por exercerem atividades consideradas subalternas, na prática, as exceções eram quase regra no meio de um futebol cada vez mais competitivo política e esportivamente. Apesar de acusar a cidade de São Paulo por praticar o amadorismo, os clubes da Liga Metropolitana não abriam mão de procurar nos campos da cidade ou em clubes de outras freguesias indivíduos das mais variadas origens sociais que pudessem trazer algum benefício a suas equipes. O C.R. Vasco da Gama é um exemplo interessante de como esses indivíduos “indesejáveis” estavam inseridos nos torneios e campeonatos da cidade. O goleiro Nelson da Conceição era um mulato que exercia a profissão de chofer e que chegou ao Vasco da Gama em 1919 por meio de um amigo – O Aquiles Pederneiras – sócio do clube e “companheiro de trabalho de Narciso Bastos secretário da comissão de football” (Rocha, 1975. 255).

Citada nos estatutos da Liga Metropolitana como uma profissão subalterna, os choferes além de ingressarem nos gramados cariocas jogando por equipes de expressão, também possuíam uma mentalidade associativa, buscando pela organização de equipes e

²⁰ O Imparcial, Rio de Janeiro: 17 jan. 1924. Vida Desportiva.

torneios, uma forma de se aproximarem dos círculos esportivos que os renegavam. Por meio do Jornal *O Imparcial* ficou-se conhecido que o presidente do Auto S.C. fundado em 1912, alegava que o propósito de seu clube era “procurar apenas fazer sport e não cuidar dos assumptos que foram objecto de outras associações de classe”.²¹ O dirigente criticava a ação do presidente do Rio Auto F.C. interessado em mobilizar os clubes de futebol no intuito de contribuírem para “fundar o ‘Abrigo dos Chauffeurs’”,²² alegando que essa ação não era condizente com o propósito dos clubes de futebol que seria “o desenvolvimento physico da classe a que pertence”.²³ O dirigente do Auto S.C. concluiria a sua defesa pelo amadorismo entre os choferes alegando que “fazer abrigo com renda de um club de football é não só reconhecer o que pode dar de lucro um grêmio sportivo”.

Apesar de não pertencer oficialmente às rodas esportivas da LMDT, havia entre os clubes de choferes um interesse em se definir as mesmas regras amadoras que os impediam de participar dos campeonatos oficiais da cidade. A defesa do discurso amador era uma forma desses profissionais penetrarem no universo esportivo e de se legitimarem socialmente, possibilitando um reconhecimento desse trabalho ainda marginalizado e considerado subalterno. Outro exemplo curioso foram duas cartas publicadas pelo *Correio da Manhã* e endereçadas à Liga Metropolitana. Nelas, um barbeiro anônimo tenta “pleitear para os seus associados os direitos e as regalias de amador”,²⁴ alegando que as diferenças entre amador e “‘não-amador’ não deveriam existir”. Para ele “o cidadão é amador – não pratica os sports por dinheiro, ou é profissional, por não agir desta forma”.

Valendo-se exageradamente do termo cidadão, o barbeiro por meio de seus argumentos buscava, entre os demais grupos sociais ligados ao futebol carioca, certa

²¹ *O Imparcial*, Rio de Janeiro: 20 set. 1923. *Vida Desportiva*.

²² *O Imparcial*, Rio de Janeiro: 21 set. 1923. *Vida Desportiva*.

²³ *O Imparcial*, Rio de Janeiro: 20 set. 1923. *Vida Desportiva*.

²⁴ *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro: 10 fev. 1922. *Correio Sportivo*.

consideração que o próprio ambiente do trabalho não concedia. Em um primeiro momento, o barbeiro defendeu a filiação do Civil Sport Club composto por guardas civis, alegando que da mesma forma entre as “praças de ‘pret’, voluntários ou não, [...] se encontram perfeitos cidadãos, capazes dos maiores e melhores exemplos, entre os quaes até o de disciplina, que beneficia extraordinariamente o sport”.²⁵ No dia seguinte, o mesmo anônimo continuou a sua missiva agora defendendo a sua classe, destacando que:

O officio de barbeiro não é uma profissão humilhante, sendo verdade, no entanto, que quem vive deste ramo da arte cosmética não se acotovela nas primeiras camadas sociaes, na boa sociedade, onde impera o orgulho e onde a emulação tem mais extremos.²⁶

A sua defesa se tornou mais contundente quando o anônimo questionou o recebimento de gorjetas. Para o autor do protesto, “qualquer profissão, há quem aprecie e mesmo que seja exigente com a remuneração extraordinária, tenha esta o nome de ‘gratificação’, de lembrança, de propina ou gorjeta”.²⁷ De forma ousada, o barbeiro complementa que “tanto se molham as mãos dos profissionaes que dão as fricções como as dos que levam aos lábios profusa taça, transbordante de espumante, de generoso vinho [...]”. Com isso, o barbeiro destacava que as restrições em torno do futebol não estariam somente no campo do trabalho, mas envolviam a preservação das distinções sociais. Para ele “não é a classe a que pertence um individuo, a sua família, modesta ou nobre, a sua origem legitima ou espúria que se devem considerar como lhe emprestando vícios ou virtudes”.

O impedimento de determinados grupos de profissionais não era o entrave para o acesso desses mesmos indivíduos aos campeonatos da Liga Metropolitana. Em alguns casos os jogadores recebiam empregos nas casas comerciais dos sócios do clube,

²⁵ Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 10 fev. 1922. Correio Sportivo.

²⁶ Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 10 fev. 1922. Correio Sportivo.

²⁷ Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 10 fev. 1922. Correio Sportivo.

habilitando-os à prática do futebol. Enquanto, na teoria, as regras do amadorismo defendiam a distinção social entre aqueles que disputavam os jogos de futebol, na prática, a competitividade dentro e fora do campo esportivo escamoteava uma atividade a qual podemos seguramente definir como fazendo parte de um processo de profissionalização. Com a justificativa de que “nem todos nasceram sob o mesmo signo de felicidade na terra”,²⁸ o cronista do *Correio da Manhã* combatia os críticos que taxassem de profissional aqueles que abandonam “um emprego de 200\$ por um melhor de 300\$ ou 400\$ e, por ser grato a quem assim o ajudou a melhor se instalar na vida”.

Havia, portanto, um entendimento comum de que essa prática não feria os estatutos que regiam o futebol, apesar da mesma dar mostras de que esse sistema privilegiava uma fuga do atleta do trabalho para se dedicar quase que exclusivamente ao futebol. Segundo relatos de Mário Filho, os operários da Cia. Progresso quando jogavam no clube da fábrica – o Bangu A.C. – eram poupados das atividades mais pesadas. “O operário que jogasse futebol, que garantisse um lugar no primeiro time, ia logo para a sala do pano. Trabalho mais leve” (Rodrigues Filho, 2003. 84). Em dias de treinos “o operário-jogador [...] recebia um ticket [...] para poder sair sem perder hora de trabalho” (2003. 84).

No caso do C.R. Vasco da Gama, essa situação foi ainda mais explícita. Os jogadores convidados pelo clube recebiam gratificações a cada bom resultado conquistado no campeonato. Esse benefício ficou conhecido como “bicho” porque em algumas oportunidades os jogadores recebiam “cinco [...] dez [...] vinte [...] cinquenta mil réis” (2003, 123) em outras recebiam “um cachorro, [...] um coelho [...] uma vaca” (2003, 123) como pagamento. O profissionalismo era tão latente que segundo Napoleão, as equipes adversárias fizeram uma reclamação à Liga Metropolitana que “resolveu mandar sua

²⁸ Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 18 mar. 1922. Correio Sportivo.

comissão de sindicância apurar e investigar a veracidade das informações sobre os atletas do Vasco” (2006, 95). Contudo, chegando aos estabelecimentos comerciais, os representantes da Liga “recebiam sempre a mesma resposta: os empregados que procuravam estavam realizando serviços externos” (2006, 95).

Um caso de profissionalismo de grande repercussão na imprensa desse período foi o do jogador Antônio Muniz Duarte, o Manteiga, que atuou na equipe do America F.C. em 1921. Sua história pode ser encontrada nos relatos de Mário Filho e nos principais jornais da época, o que demonstra a sua grande repercussão de seu caso diante da comunidade esportiva carioca. Manteiga era um negro praça de pré²⁹ da Marinha que teria encantado Jaime Barcellos, um dos diretores do America que ia sempre “para a Saúde, para o cais do porto [...]” (Rodrigues Filho, 2003. 113) procurar novos jogadores para o clube de Campos Sales. Segundo Mário Filho, convencido por Barcellos, Manteiga pediu dispensa da Marinha e recebeu um convite de emprego de Fidelsinho Leitão, empresário proprietário da Casa Leitão ingressando assim na equipe alvi-rubra. Após vencer o preconceito das famílias Borges e Curtis,³⁰ o jogador participou de uma excursão à Bahia, a sua terra natal. Após os jogos, Manteiga permaneceu na capital baiana não regressando mais ao Rio de Janeiro.

Em 1922 a história de Manteiga ganhou novamente espaço na imprensa carioca. Diferente das acusações da existência da prática do profissionalismo em São Paulo, os jornais cariocas trataram o caso de Muniz com certo cuidado tentando minimizar os prováveis indícios que poderiam apontá-lo como profissional, o que manchava a imagem

²⁹ “Nem praça de pré, nem garçom, nem barbeiro. Que recebesse gorjeta, quem tivesse emprego subalterno, era cortado. Até Chauffeur.” RODRIGUES FILHO, 2003. p.113.

³⁰ “Os Borges e os Curtis não cumprimentando o Manteiga, os outros cumprimentando. Os Borges e os Curtis saindo do América e os outros ficando. Houve um momento em que parecia que ninguém ia ficar. Os boatos mais alarmantes corriam em Campos Sales. Um abaixo-assinado de trezentos sócios: ou eles ou o Manteiga”. RODRIGUES FILHO, 2003. p.114.

do jogador e, principalmente a de seu ex-clube, o America F.C. Os jornais definiam Manteiga, como “um bom e inofensivo rapaz”,³¹ que, após um longo período de silêncio, “para com o club, [e] para a casa comercial em que trabalhava”, reaparece na imprensa carioca tentando explicar “uma carta, em que se accusava Moniz de ter perdido as qualidades de amador”.

Já em relação ao America e seus associados, os jornais os destacam como vítimas incrédulas, tentando subtrair qualquer tipo de responsabilidade do clube com a profissionalização de Manteiga. Segundo os relatos, os “adeptos de Moniz affirmavam in petto: Não acreditais que elle o haja assignado”,³² enquanto os dirigentes do clube mantinham-se na mais absoluta “imparcialidade [...] procurando defender os direitos e os melindros do associado”.

A incredulidade da torcida e a imparcialidade dos dirigentes preservavam a imagem de Manteiga e do America distantes de um possível escândalo. Porém, após a análise de alguns documentos, foi comprovada a filiação de Manteiga ao Botafogo-BA, no qual ele se declarava “*ex-sócio do America F.C.*”.³³ Após ter sido comprovada a sua filiação como profissional na Bahia, Manteiga retornou ao Rio de Janeiro onde tentou se defender com os seguintes argumentos: “1) assignei o passe, mas sem saber que o assignara; 2) assignei um pedido de desistência, depois que chequei, mas não sei o que eu assignei”. Para afastar qualquer especulação sobre a sua profissionalização o jogador afirmou que “[...] 5) Os meios de subsistência me eram dados por minha família”, não mencionando o nome da “casa comercial que trabalhava” na sua cidade natal.

³¹ Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 6 mai. 1922. Correio Sportivo.

³² Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 6 mai. 1922. Correio Sportivo.

³³ Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 6 mai. 1922. Correio Sportivo.

A trajetória de Manteiga sinaliza outro aspecto importante para o processo de profissionalização do futebol carioca. Mais competitivo e economicamente rentável, os clubes de futebol interessados no resultado das partidas passaram a selecionar jogadores a partir de novos critérios, como a habilidade e o vigor físico, por exemplo, contrastando com critérios como a posição social, profissional ou acadêmica, mais condizentes com os estatutos em vigência na Liga. Por outro lado, essa mudança de critérios abriu a possibilidade de muitos indivíduos vindos de camadas mais pobres da cidade de ascenderem socialmente, seja no aspecto econômico ou por meio de um *status* social que a nova atividade o proporcionava.

Nesse contexto, em que as distinções sociais eram impostas pelas regras da Liga Metropolitana, devemos considerar que a entrada desses indivíduos no universo esportivo era uma forma de “[...] sobrevivência da sociedade tradicional” (Velho, 2003, 40) e “um poderoso mecanismo sociológico atuando permanentemente com maior ou menor visibilidade sobre toda a vida social” (2003, 40). Por outro lado, essas mesmas hierarquizações ofereciam aos indivíduos um complexo “campo de possibilidades” (2003, 40). Ou seja, as hierarquias não aprisionam o indivíduo em um único papel no meio social. Especificamente à esfera esportiva, o futebol oferecia ao jogador um “campo de possibilidades” que lhe permitia viver uma série “projetos” que, segundo o autor, seriam fundamentais para “atingir finalidades específicas” (2003, 40).

Destacando-se no gol da equipe cruzmaltina, Nelson pôde utilizar a sua nova condição social – a de “valoroso keeper do invencível C.R. Vasco da Gama”³⁴ – para obter novas fontes de renda. O goleiro foi contratado por uma empresa para fazer a propaganda de um tônico muscular, chamado “Fortifican”. Em determinado momento, Nelson da

³⁴ O Imparcial, Rio de Janeiro: 28 ago. 1923. Vida Sportiva.

Conceição afirmava que seus “bons resultados” em campo foram obtidos “com o uso do ‘Fortifican’” que o fizeram se sentir “sempre bem disposto para os jogos”. Antes de se tornar goleiro do C.R. Vasco da Gama devemos frisar que Nelson era um negro que exercia a profissão de chofer, o que teoricamente o impediria de praticar o futebol amador.

A própria imprensa também possui um papel importante para a promoção desses jogadores no meio esportivo e social. Elevado ao patamar de um grande espetáculo, o futebol era o palco principal e os jogadores eram os protagonistas desses jogos. O bom desempenho de alguns jogadores lhes conferia atributos físicos e morais positivos. Claudionor, outro jogador do Vasco da Gama, operário da Cia. Progresso era chamado pelo jornalista d’*O Imparcial* de “tank”, pois durante partida contra o Fluminense F.C. “[...] elle [...] segura bem o Nonô e o Welfare, que são também duas máchinas da mesma marca”.³⁵

A ascensão do Vasco da Gama³⁶ em 1922 e 1923 mostra como que o futebol é capaz de colocar jogadores de estratos sociais em um mesmo patamar, principalmente no momento em que o futebol carioca contemplava jogadores de origens mais aristocráticas como o goleiro Marcos Mendonça, do Fluminense F.C., o jovem Júlio Kunz do C.R. do Flamengo, substituto de Mendonça na seleção brasileira de 1922, o veterano Welfare do Fluminense, Palamone do Botafogo F.C. e Aníbal Candiota, o artilheiro do C.R. do Flamengo.

A popularização de determinados atletas fez com que algumas revistas literárias como “*A Maçã*” elaborassem biografias dos principais jogadores da cidade, aliando suas

³⁵ *O Imparcial*, Rio de Janeiro: 22 de mai. 1923.

³⁶ O C.R. Vasco da Gama conquistou o Campeonato Carioca de 1923. Tal feito considerado surpreendente pela imprensa carioca rendeu inúmeros elogios aos jogadores da equipe cruzmaltina: “*Nelson: que foi um keeper muito ágil e seguro de sua posição, Leitão e Mingote: dois bakcs activos e vigilantes, magníficos factores da defesa; Nicolino e Artur excellentes halves da corajosa e inteligente; Claudionor: indiscutivelmente a alma do team, sempre oportuno e activo; Paschoal e Torterolli; impetuosa da direita, activa e perigosa; Cecy e Negrito: que foram os melhores dianteiros do Vasco sempre impetuosos e sempre temíveis; Arlindo, embora o único elemento fraco do conjunto, foi contudo um centro –funcional esforçado*”. *O Imparcial*, Rio de Janeiro: 13 ago. 1923. *Vida Desportiva*.

qualidades enquanto sujeito social com suas habilidades de jogador. Um dos homenageados foi o goleiro Haroldo Joppert “‘prata da casa’ no Botafogo [...] elemento das suas famílias tradicionais”.³⁷ Suas qualidades de esportista estavam relacionadas a valores amplamente defendidos pela sociedade da época. No caso de Haroldo, a educação era um fator determinante. Estudante de engenharia, o goleiro do Botafogo F.C. era perito “no cálculo do tempo e da distância, conhecendo a influencia das curvas, a vantagem das retas [...]”. Além dos atributos adquiridos pelo conhecimento acadêmico, outras qualidades mais voltadas ao próprio campo esportivo eram atribuídas ao jogador. O goleiro alvi-negro era “ágil como uma calma admirável, tem uma pegada [...] firme, [...] a coragem, a confiança, a esperança do triunfo, como ainda anima, entusiasmo. [...]”.

O sucesso dos campeonatos fez com que os jogadores fossem tratados como celebridades dentro e fora dos gramados. As partidas amistosas revelam como que indivíduos ricos, pobres, negros, brancos, médicos e operários – aos olhos da imprensa – possuíam o mesmo tratamento diferenciado, digno de grandes personalidades. A equipe do Far West em viagem à cidade de Friburgo foi surpreendida quando “à noite estacionou em frente ao hotel grande multidão ansiosa por conhecer Luiz Palamone, o extraordinario full-back brasileiro, [...] e os demais valorosos players visitantes”.³⁸ As recepções das delegações esportivas mostram o quanto a posição de jogador amador nas equipes cariocas era destacada e transcendia qualquer critério sociocultural, possibilitando àqueles que gozavam de tal posição e de todas as benesses que esta proporcionava. Em viagem a Salvador, o jogador Zezé do Fluminense F.C. descrevia o seguinte:

[...] A acolhida que nos foi dispensada que não exagerei em classificá-la de principesca. Nada nos faltou. Pelo contrário, tivemos até demais, pois de tanto não éramos merecedores [...] Mas também empenhamo-nos vivamente por demonstrar-lhes que até

³⁷ O Imparcial, Rio de Janeiro: 22 de jul. 1922. Vida Desportiva.

³⁸ O Imparcial, Rio de Janeiro: 17 mai. 1923. Vida Desportiva.

certo ponto ella não deixava de ter a sua razão de ser... Quanto a parte desportiva a Bahia excedeu a nossa expectativa. De facto, os desportos têm feito ali um notável progresso [...] Modéstia a parte, estou persuadido de que não fizemos feio... [...] E ao partir, ainda lhe disse. Olhe. [...] as bahianas são lindas, mas mesmo lindas de verdade... Se algum dia puder, dê um passeio por aquella boa terra e depois me diga se tenho ou não razão.³⁹

Apesar de fazer algumas considerações ao futebol baiano, Zezé mais parecia um turista em êxtase, após uma bela oportunidade de conhecer a Bahia, que um jogador amador que foi àquela cidade para disputar um amistoso. Igualmente, em viagem a Belo Horizonte a equipe do Vasco da Gama foi recebida por “uma magnífica recepção”,⁴⁰ que além de disputar um amistoso com o America F.C. faria “pela manhã, lindo passeio pela cidade”⁴¹ e à noite assistiriam a um “espetáculo de gala ao teatro municipal, com o concurso dos artistas cantores, nascimento filho, barytono, Oscar Gonçalves, tenor, e Ignácio Guimarães, baixo”⁴² e após a apresentação seriam recepcionados com um “banquete oficial oferecido pelo centro da colônia portuguesa”.

Conclusão

Essa espetacularização do campo esportivo na cidade do Rio de Janeiro permitiu que indivíduos antes estigmatizados por sua condição de trabalho, educação ou origem racial tivessem a oportunidade de alcançarem novos patamares sociais. Com o interesse maior pelo bom desempenho das equipes, os clubes de futebol passaram a procurar jogadores fisicamente mais dispostos, talentosos e que pudessem se dedicar quase que exclusivamente ao clube. Essa mudança dos critérios de seleção de jogadores fez com que os clubes substituíssem os jovens abastados, que viam na prática do futebol uma forma

³⁹ O Imparcial, Rio de Janeiro: 26 abr. 1923. Vida Desportiva.

⁴⁰ O Imparcial, Rio de Janeiro: 26 abr. 1923. Vida Desportiva.

⁴¹ O Imparcial, Rio de Janeiro: 31 ago. 1923. Vida Desportiva.

⁴² Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 31 ago. 1923. Correio Sportivo.

descompromissada de lazer, por indivíduos que praticavam futebol nos campos e ruas dos subúrbios e bairros mais pobres da cidade.

Podemos dizer que muitos desses jogadores encontraram no futebol uma forma de ascensão social e financeira. A presença desses indivíduos contrariava as normas estatutárias da Liga Metropolitana, que negavam a participação de jogadores analfabetos, que exercessem qualquer tipo de trabalho braçal e que facilitassem algum tipo de gorjeta. A situação se agravaria ainda mais devido aos inúmeros boatos de que estes jogadores recebiam remunerações – o famoso bicho – e/ou ganhavam empregos nas casas comerciais dos sócios do clube para atuarem nas equipes de futebol na cidade.

Mais que uma defesa do campo esportivo, essas regras destacavam uma série de tensões sociais. Se por um lado a inserção das camadas populares ao mercado de trabalho era uma forma de acesso à cidadania, por outro lado, quando esses indivíduos se dedicavam exclusivamente ao futebol, eram considerados como perpetuadores da vadiagem. Ainda, por detrás desses critérios tão evidentes, escondia-se um racismo que não se fez presente nos debates travados pela imprensa e nos estatutos da Liga Metropolitana. Mesmo não declarado, este preconceito poderia ser encontrado por detrás da esfera do trabalho e do nível educacional dos grupos mais pobres, principalmente os negros, em sua maioria analfabetos e voltados a atividades que exigiam mais da força física que do desempenho intelectual.

Referência bibliográfica

BAUMAN, Zygmunt. Comunidade: A Busca por Segurança no Mundo Atual. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2003.

BOURDIEU, Pierre. Como é Possível ser Esportivo? In: BOURDIEU, Pierre. Questões de Sociologia. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero, 1983.

_____, Pierre. *Como é Possível ser Esportivo?* In: BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero, 1983.

_____, Pierre. *O Poder Simbólico*. 11ªEd. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2007.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, Lar e Botequim: O Cotidiano dos Trabalhadores no Rio de Janeiro*. 2ª Ed. Campinas: Ed. Unicamp, 2008.

CONNIFF, Michael L. *Política Urbana no Brasil. A Ascensão do Populismo (1925-1945)*. Rio de Janeiro: Ed. Relume Dumará, 2006.

COSTA, Emilia Viotti da. *The Brazilian Empire: Myths and Histories*. Belmont: Wadsworth, 1998. Apud. GUIMARÃES, Antonio Sérgio. *Racismo e Anti-Racismo no Brasil*. 2ªEd. São Paulo: Ed. 34, 2005.

ELIAS, Norbert. *Deporte y Ócio en el Proceso de la Civilizacion*. México D.F.: Fondo de Cultura Econômica, 1986.

GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do Futebol. Dimensões Históricas e Socioculturais do Esporte das Multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

HELAL, Ronaldo, GORDON Jr., César. *Sociologia, História e Romance na Construção da Identidade Nacional Através do Futebol*. In: HELAL, Ronaldo, SOARES, Antonio Jorge, LOVISOLO, Hugo. *A Invenção do País do Futebol. Mídia Raça e Idolatria*. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 2001.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. *Construindo a Cidade Moderna: A Introdução dos Esportes na Vida Urbana do Rio de Janeiro*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro: CPDOC. nº 23, p. 17-39, 1999.

NAPOLEÃO, Antônio Carlos. *História das Ligas e Federações do Rio de Janeiro (1905-1941)*. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira, SANTOS, Ricardo Pinto (Orgs.). *Memória Social dos Esportes. Futebol e Política: A Construção de uma Identidade Nacional*. Rio de Janeiro: Ed. Mauad. 2006.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania. Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2000.

ROCHA, José da Silva. *Club de Regatas Vasco da Gama: Histórico (1898-1923)*. Rio de Janeiro: Ed. Gráfica Olímpica, vol.1, 1975.

RODRIGUES FILHO, Mário. *O Negro no Futebol Brasileiro*. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 2003.

SANTOS, Jorge Arthur dos. Os Intelectuais e as Críticas às Práticas Esportivas no Brasil (1890-1947). São Paulo: Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 2000. 258p. (Dissertação de Mestrado em História Social).

SOARES, Antonio Jorge. História e Invenção das Tradições no Campo de Futebol. In: HELAL, Ronaldo, SOARES, Antonio Jorge, LOVISOLO, Hugo. A Invenção do País do Futebol. Mídia, Raça e Idolatria. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 2001.

_____, Antonio Jorge. O Racismo no Futebol do Rio de Janeiro nos Anos 20: Uma História de Identidade. In: HELAL, Ronaldo, SOARES, Antonio Jorge, LOVISOLO, Hugo. A Invenção do País do Futebol. Mídia Raça e Idolatria. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 2001.

VELHO, Gilberto. Projeto e Metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas. 3ªEd. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar. 2003.